

# Mercedes: longe do ideal

JOÃO SCHUBERT

• Instalação da montadora completa uma década amanhã

Mariana Nicodemus

mariana.nicodemus@jfhoje.com.br

Há dez anos, Juiz de Fora comemorava o que parecia ser o sinal para o início de uma era de desenvolvimento e prosperidade. Cercada por altos índices de otimismo, pautados por promessas de geração de emprego e atração de grandes investimentos para toda região, a instalação da fábrica da Mercedes Benz em terrenos juizforanos (cedidos pelo município) parecia ser o que faltava para impulsionar definitivamente o crescimento da Manchester Mineira. Uma década depois, a expectativa confiante transformou-se em frustração: os postos de trabalho foram reduzidos a menos da metade, enquanto a produção e comercialização de veículos corre muito aquém do esperado.



• Fábrica tenta, agora, emplacar coupé esportivo CLC 200

Inaugurada no dia 23 de abril de 1999, depois de dois anos e US\$ 820 milhões (quase R\$ 2 bilhões) investidos em sua construção, a fábrica da Daimler — proprietária da marca Mercedes Benz — foi instalada em um terreno de 2,8 milhões de metros quadrados, na BR-040, a 28 quilômetros do Centro. Noventa famílias tiveram que deixar suas casas para dar lugar a quatro prédios industriais, parque de fornecedores, pista de testes e centro de

treinamento que formam a planta. O município investiu R\$ 5 milhões na desapropriação do terreno, doado à Daimler.

Com a garantia de localização estratégica entre os três principais mercados nacionais da marca — Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte — e incentivos fiscais da ordem dos R\$ 700 milhões, acumulados em 22 anos de benefícios, financiamentos e concessão de ações da Cemig, a montadora alemã assinou contrato com o

Governo de Minas Gerais e o Município de Juiz de Fora em 1996, após longa guerra fiscal travada com outros estados.

Além da promessa de acarretar desenvolvimento de grandes proporções, o documento previa a geração de 1.500 empregos diretos e a possibilidade de se chegar aos cinco mil postos de trabalho indiretos em dois anos. Hoje, a planta emprega pouco mais de 1.100 trabalhadores efetivos, além de outros 700 lotados nas poucas empresas instaladas no parque de fornecedores. Futuro que não demorou a dar as caras: menos de um ano depois da inauguração da montadora, o quadro de funcionários foi reduzido em, pelo menos, 150 vagas.

## COMISSÃO ESPECIAL

Já à época da assinatura do contrato, questionava-se se os esforços de Minas Gerais, traduzidos em renúncia fiscal, em prol da implantação da Mercedes Benz em Juiz de Fora, seriam realmente vantajosos. A inauguração da fábrica não

apaziguou os ânimos de quem desacreditava as promessas de produção e desenvolvimento certo da empresa alemã. Cinco meses após a abertura oficial da planta, a Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) votou pela formação de uma Comissão Especial para analisar as consequências e resultados da vinda da montadora para a cidade.

Mesmo com a garantia do então deputado federal e atual prefeito de Juiz de Fora, Custódio Mattos, de que a presença da Daimler em JF seria “benéfica para Minas Gerais, atendendo o interesse público e gerando aumento de receita para o Tesouro Estadual” (conforme consta em relatório da ALMG), o relatório final aprovado pelos integrantes da comissão, datado de abril de 2000, recomendou ao Governo do Estado que promovesse o “reestudo e a reavaliação das garantias dadas à Mercedes relativas aos financiamentos”, isto é, os benefícios oferecidos mediante contrapartida referentes à empregabilidade e ao progresso.

## Produção decepcionante

Se as previsões iniciais de desenvolvimento rapidamente demonstraram ter sido frágeis, foi porque o otimismo não atendeu nem mesmo às expectativas de produção da própria Daimler. Em 1999, a expectativa era de que pelo menos 40 mil unidades do modelo Classe A fossem comercializadas anualmente. Esperava-se que, já no segundo ano de fabricação, o volume chegasse aos 70 mil veículos por ano. No entanto, durante os seis anos em que o automóvel foi fabricado, apenas 63 mil carros foram vendidos, quantidade muito aquém dos 390 mil esperados.

Nos anos seguintes, a montadora ainda investiu na linha Classe C, com cerca de 28 mil automóveis produzidos

entre 2001 e 2007, e no CL 203 Sports Coupé, com pouco mais de oito mil carros vendidos em 2007. Desde o ano passado, a montadora alemã aposta no coupé esportivo CLC 200 Kompressor como redenção da unidade da Mercedes em Juiz de Fora. Produzido exclusivamente na montadora juizforana e exportado para 48 países, o veículo começou a ser vendido também no Brasil em fevereiro de 2009. No ano passado, 27 mil unidades do esportivo foram produzidas, número nunca antes alcançado em dez anos de funcionamento.

Mesmo com a abertura para o mercado interno, o diretor de produção da fábrica de Juiz de Fora, Stefan Middelhaue, afirmou, em entrevista coletiva

concedida durante o lançamento nacional do CLC, em março deste ano, que o volume fabricado não deverá superar os números de 2008. Com a crise econômica, a tendência é de que haja retração. Se, em 2008, 154 carros eram produzidos por turno, este ano a linha está mais cautelosa, fabricando 94 veículos em igual período. Mesmo assim, o alemão acredita que a fábrica tenha motivos para comemorar uma década de vida.

— O fato de a nossa planta ter sido escolhida para produzir o carro com exclusividade demonstra a confiança da matriz na unidade de Juiz de Fora, o que já nos dá motivos para comemorar esses dez anos aqui — comentou Middelhaue na ocasião.

## Pós-crise

Sinal dos efeitos pós-crise econômica mundial, as demissões em massa atingiram a fábrica da Mercedes Benz em Juiz de Fora. Trezentos funcionários dispensados em dezembro e janeiro passados lutam para receber os valores relativos à rescisão contratual, enquanto a Daimler aguarda decisão judicial que determinará se a montadora deve ou não pagar multa estimada em R\$ 2 milhões referente ao não cumprimento de acordo coletivo firmado com a categoria em 2008.

No processo, a companhia europeia alega “que não é obrigada a conceder reajuste salarial contido em CCT (Convenção Coletiva de Trabalho) da qual não participou, na medida em que comunicou

oficialmente seu afastamento das negociações coletivas a ambos os sindicatos, patronal e trabalhadores”.

O problema também tem sido alvo de discussões na Câmara Municipal, onde uma comissão, formada pelos vereadores Roberto Cupolillo (Betão-PT), Júlio Gasparetto (PMDB), José Tarcísio (PTC) e Chico Evangelista (PP), tenta formalizar acordo entre a fábrica e os funcionários afastados. Depois de se reunirem, no último dia 6, com representantes dos sindicatos dos Metalúrgicos e das Indústrias Metalúrgicas de Juiz de Fora, os vereadores agora precisam ouvir os dirigentes da companhia para dar andamento ao caso.